

SINCRETISMO RELIGIOSO, PENTECOSTALISMO E GÊNERO, NO CONTEXTO MIGRATÓRIO

Franc Casagrande da Silva¹⁰⁵

Carla Angelini¹⁰⁶

Maria de Fátima Chaves¹⁰⁷

RESUMO:

O artigo aborda as relações entre religião, gênero e migração, com foco na “feminização da migração” e nas dinâmicas sociais, culturais e econômicas associadas ao tema. O estudo explora como o pentecostalismo brasileiro, enquanto prática religiosa sincrética, oferece suporte espiritual e social para migrantes, em especial, mulheres, durante seu processo de adaptação em contextos urbanos como São Paulo. As comunidades religiosas são descritas

¹⁰⁵ Doutor em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2024), onde também concluiu seu Mestrado (2020). E-mail: prof.cr.franc@gmail.com.

¹⁰⁶ Doutoranda em Ciências da Saúde pelo Instituto Universitário Hospital Italiano de Buenos Aires (IUHIBA - Argentina). Possui dois mestrados: em Gênero, Feminismos e Cidadania pela Universidad de Andalucía - Espanha (2012) e em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Brasil (2023). E-mail: angelini.carla.87@gmail.com.

¹⁰⁷ Doutora em Demografia pela Universidade Estadual de Campinas (2009). E-mail: achaves@uol.com.br.

como espaços de inclusão e resiliência emocional, embora enfrentem limitações estruturais. Além disso, analisa-se a crescente presença feminina nos fluxos migratórios para o Brasil e os desafios impostos pela desigualdade de gênero, precarização do trabalho e exclusão social. Dados evidenciam que mulheres migrantes, particularmente venezuelanas, haitianas e bolivianas, ocupam um papel central na reorganização dos espaços urbanos e na construção de redes de apoio. Apesar das vulnerabilidades, a atuação dessas mulheres reflete resiliência e agência, destacando a importância de políticas públicas inclusivas e de maior articulação entre comunidades religiosas e sociais. O artigo contribui para o debate contemporâneo sobre migração ao enfatizar as dinâmicas entre religião e gênero, demonstrando como ambos moldam as experiências migratórias e a integração social.

Palavras-chave: Migração; Gênero; Feminização da Migração; Pentecostalismo; São Paulo; Sincretismo Religioso.

ABSTRACT

This article examines the intersections between religion, gender, and migration, focusing on the “feminization of migration” and the social, cultural, and economic dynamics tied to this phenomenon. It explores how Brazilian Pentecostalism, as a syncretic religious practice, provides spiritual and social support for migrants, particularly women, during their adaptation process in urban contexts like São Paulo. Religious communities are portrayed as spaces of inclusion and emotional resilience, despite structural limitations. The study also analyzes the increasing female presence in migration flows to Brazil and the challenges posed by gender inequality, labor precarization, and social exclusion. Data highlights the central role of female migrants, especially Venezuelans, Haitians, and Bolivians, in

reshaping urban spaces and building support networks. Despite vulnerabilities, their actions reflect resilience and agency, underscoring the importance of inclusive public policies and greater coordination between religious and social communities. This article contributes to contemporary migration debates by emphasizing the dynamics between religion and gender, showcasing how both shape migratory experiences and social integration.

Keywords: Migration; Gender; Feminization of Migration; Pentecostalism; São Paulo; Religious Syncretism.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como propósito organizar as reflexões teóricas mais recentes sobre as transformações do cenário social e o sincretismo religioso, considerando o aumento do número de imigrantes na cidade de São Paulo. Assim como a religião se apresenta como um aspecto relevante nesse debate, procura-se reunir estudos que também conectem o tema às questões de gênero. Com atenção voltada às discussões sobre a “feminização da migração”, observa-se um interesse crescente nas diferenças entre homens e mulheres nas publicações sobre o assunto. No entanto, há significativa divergência entre os especialistas quanto à abordagem dada ao tema. Frequentemente, a pessoa migrante é tratada de forma generalizada no masculino, enquanto os estudos sobre a migração feminina tendem a ser mais específicos. Visa-se aqui agregar estudos voltados ao contexto brasileiro — com o foco específico para a cidade de São Paulo — que tratem o tema migratório, considerando contexto religioso como porta de entrada em um novo lugar na trajetória das migrantes, que chegam ao território brasileiro, sobretudo, na cidade de São Paulo.

1. RELIGIÃO NO PROCESSO MIGRATÓRIO

A relação entre religião e migração é um campo de estudo rico e multifacetado, no qual diferentes abordagens teóricas e metodológicas contribuem para compreender o papel das práticas religiosas no processo de deslocamento e acolhimento de migrantes. Este item explora como a religião, em particular o pentecostalismo brasileiro, atua como um mecanismo de integração social e resiliência emocional para migrantes, destacando as contribuições de autores que abordam esse tema sob diferentes perspectivas. Bernardo Campos investiga a consolidação do pentecostalismo no Brasil e sua capacidade de adaptar-se às dinâmicas culturais e sociais do país. Sua análise histórica e teológica ilumina como essa vertente cristã emergiu como uma força inclusiva no acolhimento de migrantes, combinando práticas comunitárias dinâmicas com uma espiritualidade acessível.¹⁰⁸

Peggy Levitt, por sua vez, adota uma abordagem sociológica para examinar como a religião opera como um recurso transnacional, conectando migrantes às suas comunidades de origem enquanto facilita a adaptação cultural no país de destino. Seu trabalho combina análise qualitativa com um método etnográfico, explorando a dimensão transnacional da fé como um mediador cultural.¹⁰⁹ Nelson Maldonado-Torres, insere-se em uma perspectiva crítica, analisando como a colonialidade do poder afeta as experiências de deslocamento e marginalização. Seu foco está na resistência cultural, posicionando o

¹⁰⁸ CAMPOS, Bernardo. *Da Reforma Protestante à Pentecostalidade da Igreja*. Tradução de Walter Altmann. São Leopoldo: Sinodal, CLAI, 2002.

¹⁰⁹ LEVITT, Peggy. “*You know, Abraham was really the first immigrant*”: Religion and transnational migration. *International Migration Review*, v. 37, n. 3, p. 847-873, 2003.

sincretismo religioso como uma resposta à exclusão social e à persistência de hierarquias coloniais.¹¹⁰

Ana Cristina Braga Martes, contribui com uma perspectiva prática, analisando o papel das comunidades religiosas no acolhimento de migrantes brasileiros nos Estados Unidos. Sua pesquisa, baseada em estudos de caso, destaca a relevância da religião como um espaço de apoio emocional e social, preservação de identidade e construção de redes de solidariedade.¹¹¹ Finalmente, Wagner Sanchez, investiga o conceito de “fé sincrética”, explorando como migrantes adaptam suas práticas religiosas ao contexto cultural local sem abandonar suas tradições. Sua abordagem combina teoria e análise prática, destacando como o sincretismo religioso ajuda a mitigar os impactos do deslocamento cultural.¹¹²

Essa combinação de autores e abordagens oferece uma visão abrangente e crítica sobre o papel da religião no processo migratório, destacando tanto suas potencialidades quanto suas limitações em contextos de exclusão social. A análise aqui proposta visa aprofundar o entendimento desse fenômeno, utilizando o pentecostalismo brasileiro como um exemplo emblemático da interação entre fé e migração.

¹¹⁰ MALDONADO-TORRES, Nelson. *On the coloniality of being. Cultural Studies*, v. 21, n. 2-3, p. 240-270, 2007.

¹¹¹ MARTES, Ana Cristina Braga. *New Immigrants, New Land: A Religious Perspective on Brazilian Immigration to the United States*. Gainesville: University Press of Florida, 2011.

¹¹² SANCHEZ, Wagner, L. *Sincretismo e migração: notas a partir do pensamento de Afonso Maria Ligório Soares*. *REVER*, v. 16, n. 1, p. 70-79, jan./abr. 2016.

A religião, como elemento no processo migratório, pode desempenhar um papel relevante, pois as redes de apoio no Brasil, em sua maioria, possuem vínculos com instituições religiosas. Migrar provoca rupturas com o lugar de origem e com a história de mulheres que, muitas vezes, deixam o território onde praticavam sua religião, evidenciando a interface entre migração e religião local no processo migratório. Como bem destaca Sanchez: “A interface religiosa tem, portanto, um papel fundamental na vida do migrante: na tensão entre a dor da ruptura e o desejo de reconstruir a vida, a religião permite a ele refazer o seu quadro referencial e minimizar o sofrimento”.¹¹³

Seguindo essa perspectiva, a religião pode, de fato, desempenhar um papel positivo no acolhimento das migrantes em trânsito na América Latina. Não apenas como assistencialismo social, mas como um elemento que as aproxime, mesmo que minimamente, da religião praticada em seus lugares de origem. Para isso, um deslocamento do tradicional para o sincrético é o caminho a ser trilhado, sendo necessário pensar em uma fé sincrética. Conforme Sanchez, ao citar A. Soares: “A. Soares cria um conceito para falar da realidade do sincretismo: fé sincrética. Para ele, a fé sincrética é o concretizar-se da fé. Ou seja, para A. Soares, toda fé religiosa, ao expressar-se, o faz de forma sincrética”.¹¹⁴

Considerando aqui as migrantes religiosas, parece útil para a migrante se aproximar de grupos religiosos no país de chegada, “incorporar” a sua prática religiosa elementos da religião do grupo de acolhida, pois esse deslocamento, mesmo que naturalmente lento, a longo prazo lhe possibilitará redes de convivências, no caso de grupos pentecostais na América Latina, segundo Campos:

¹¹³ SANCHEZ, 2016, p. 74.

¹¹⁴ SANCHEZ, 2016, p. 74.

o pentecostalismo representa, então como hoje, uma alternativa para o migrante. Experimentando no corpo e na alma os efeitos angustiantes da desorganização social e de padrões de comportamento produzidos pela industrialização, o migrante busca, como por ensaio, um grupo no qual possa sentir afinidade emocional e reconhecimento pessoal.¹¹⁵

Incorporar elementos religiosos à sua religião não significa que a migrante romperá com sua prática de fé, esse deslocamento sugere uma fé sincrética, ou seja, ela encontra, em sua própria crença religiosa, elementos semelhantes com a nova proposta religiosa no país de chegada. No Brasil, sobretudo em movimentos religiosos populares, como o pentecostalismo, o sincretismo religioso, em alguns casos, se torna uma prática possível, ao gerar segurança e aceitação, segundo Sanchez: “o migrante vive na fronteira geográfica, cultural e simbólica, e, por isso, vive na insegurança”.¹¹⁶

O “ser sincrético” nas religiões, sobretudo em religiões tradicionais, rompe com a ideia fixa da “pureza religiosa”, ideia necessária para uma religiosidade possível entre as migrantes que professam algum tipo de crença religiosa. A função da interface religião e migrantes, ou seja, a interação entre a vida religiosa da migrante e o local de chegada, sugere o papel de mitigar o sofrimento causado pela tensão da ruptura frente ao desejo de reconstruí-lo. As migrantes encontram na religião praticada, no país de chegada, a possibilidade de iniciar relações interpessoais comunicadas pela linguagem religiosa.

O pentecostalismo brasileiro desempenha um papel significativo no acolhimento de migrantes, especialmente em contextos urbanos como São Paulo. Essa vertente cristã, caracterizada por práticas comunitárias dinâmicas e pela ênfase na experiência pessoal com o divino, oferece aos migrantes um espaço de inclusão espiritual e social. Para muitos, ingressar em uma comunidade

¹¹⁵CAMPOS, 2002, p.38.

¹¹⁶SANCHEZ, 2016, p. 74.

pentecostal representa não apenas a continuidade de uma jornada de fé, mas também a possibilidade de reconstrução emocional e material. Campos argumenta que o pentecostalismo é uma alternativa viável para migrantes que enfrentam o isolamento social e a precarização econômica, características comuns à experiência migratória.¹¹⁷

O caráter comunitário das igrejas pentecostais é um dos elementos que mais contribuem para seu papel acolhedor. Essas igrejas frequentemente funcionam como espaços de integração social, onde os migrantes podem construir redes de apoio que vão além do âmbito religioso. Martes observa que as comunidades pentecostais atuam como pontes entre os migrantes e a sociedade local, oferecendo serviços como moradia temporária, distribuição de alimentos e até mesmo suporte jurídico. Essas ações não só ajudam a suprir necessidades imediatas, mas também fortalecem os laços comunitários, essenciais para a integração dos migrantes em suas novas realidades.¹¹⁸

Outro aspecto marcante do pentecostalismo é sua flexibilidade cultural e litúrgica, que permite uma adaptação às diferentes experiências dos migrantes. Essa característica é especialmente evidente no Brasil, onde as práticas sincréticas são amplamente aceitas. Sanchez aponta que a “fé sincrética”, conceito que descreve a integração de elementos religiosos locais e de origem, é uma estratégia categórica para os migrantes se reconectarem com sua espiritualidade sem romperem completamente com suas tradições. Essa abordagem inclusiva

¹¹⁷ CAMPOS, 2002.

¹¹⁸ MARTES, 2011.

contrasta com a rigidez de outras tradições religiosas e facilita a construção de um senso de pertencimento.¹¹⁹

Apesar de sua contribuição, o pentecostalismo brasileiro não está isento de críticas. Algumas comunidades pentecostais reforçam, ainda que de forma implícita, narrativas de exclusão e controle social, especialmente em relação às mulheres migrantes. Maldonado-Torres sustenta que, se o sincretismo religioso pode ser uma forma de resistência cultural, também pode ser usado para reforçar as hierarquias de gênero e etnia. No caso das mulheres migrantes, essas dinâmicas podem limitar sua atuação nas comunidades religiosas, perpetuando desigualdades estruturais.¹²⁰

Além disso, o papel do pentecostalismo no acolhimento dos migrantes deve ser analisado à luz das condições sociais brasileiras. A precarização do trabalho, a exclusão habitacional e a violência institucional são realidades que afetam diretamente os migrantes e, muitas vezes, sobrecarregam as comunidades religiosas que tentam suprir as lacunas deixadas pelo Estado. Levitt argumenta que, embora a religião ofereça suporte significativo, ela não pode substituir as políticas públicas necessárias para garantir os direitos fundamentais dos migrantes.¹²¹

O contexto urbano brasileiro também apresenta desafios específicos. Cidades como São Paulo enfrentam problemas crônicos de desigualdade e segregação espacial, que frequentemente marginalizam os migrantes em áreas periféricas com pouco acesso a serviços básicos. Martes destaca que, embora as igrejas pentecostais tenham um alcance considerável, sua atuação muitas vezes se limita às necessidades imediatas, deixando questões estruturais mais amplas sem

¹¹⁹ SANCHEZ, 2016.

¹²⁰ MALDONADO-TORRES, 2007.

¹²¹ LEVITT, 2003.

solução.¹²² Isso evidencia a necessidade de uma articulação mais ampla entre as comunidades religiosas e as políticas públicas.

A crítica ao contexto social brasileiro também deve considerar o papel do Estado na exclusão dos migrantes. Maldonado-Torres aponta que a ausência de políticas de integração reflete uma colonialidade persistente, que vê os migrantes como sujeitos marginais.¹²³ Nesse sentido, o pentecostalismo, apesar de suas limitações, emerge como um espaço de resistência, onde os migrantes podem construir uma identidade coletiva que desafia a narrativa de exclusão.

Outro ponto relevante é a tensão entre a espiritualidade e a instrumentalização política do pentecostalismo. Em muitos casos, líderes religiosos utilizam a influência sobre comunidades de migrantes para reforçar agendas políticas conservadoras, que podem ser prejudiciais à própria população que buscam representar. Essa contradição ressalta a complexidade do papel do pentecostalismo no Brasil contemporâneo, onde religião e política frequentemente se entrelaçam de maneiras ambíguas.

Apesar das críticas, é inegável que o pentecostalismo oferece uma plataforma única para a inclusão social dos migrantes. Sua capacidade de mobilizar recursos comunitários e de construir redes de solidariedade é essencial em um país onde o Estado falha repetidamente em atender às necessidades básicas dessa população. Sanchez concluiu que, apesar de não ser uma solução definitiva, o sincretismo religioso é uma tática eficaz para minimizar os efeitos da exclusão social e cultural.¹²⁴

¹²² MARTES, 2011.

¹²³ MALDONADO-TORRES, 2007.

¹²⁴ SANCHEZ, 2016.

Em síntese, o pentecostalismo brasileiro desempenha um papel ambíguo no processo migratório de acolhimento. Por um lado, ele oferece suporte emocional, espiritual e social indispensável aos migrantes. Por outro, suas limitações refletem as desigualdades estruturais do contexto brasileiro. Compreender essas dinâmicas é categórico para articular políticas públicas e iniciativas comunitárias que promovam uma inclusão mais equitativa e sustentável.

2. GÊNERO NAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS

No século XXI, a imigração no Brasil ganha novos contornos, significados e características. A crise financeira de 2007, que atingiu significativamente os países do Norte Global, que até então eram destinos tradicionais e quase exclusivos dos migrantes do Sul, causou uma mudança na direção desses fluxos migratórios. Conflitos étnicos, religiosos e políticos em países no Oriente Médio, Ásia e no Continente Africano deslocam populações dentro e além de suas fronteiras. No contexto mundial em crise neste início de século, o Brasil se destaca no cenário geopolítico como um dos países com crescimento econômico, acompanhado de melhorias nos indicadores sociais, no crescimento do emprego — entre 2003 e 2010, foram criados 14,4 milhões de postos de trabalho -, em especial no setor da construção civil e da agroindústria, e no aumento real do salário-mínimo.¹²⁵

¹²⁵ MAGALHÃES, L. F. A.; BÓGUS, L. M. M. *Reconversão econômica e migrações Sul-Sul na cidade de São Paulo: fluxos e territorialidades migrantes*. In: BAPTISTA, Dulce Maria Tourinho; MAGALHÃES, Luís Felipe Aires (orgs.). *Migrações em expansão no mundo em crise*. São Paulo: EDUC: PIPEq, 2020.

A inclusão do Brasil no cenário das migrações internacionais se intensificou a partir de 2010, quando imigrantes haitianos chegaram ao país.¹²⁶ Por um lado, a rigidez das políticas migratórias nos Estados Unidos e União Europeia favorece a redistribuição do olhar dessa população para o Brasil como uma opção de destino ou passagem para outro país. Por outro lado, e em direção contrária, já que estamos atravessando um momento político favorável, a legislação migratória brasileira se expande a partir dos acordos de trânsito entre os países membros do Mercosul, dos acordos de residência com outros países vizinhos e da criação do Visto de Ajuda Humanitária RN 97/2012 e 102/2013 do CNIG, criados especialmente para os haitianos.

Para sediar dois dos eventos esportivos mundiais mais relevantes, a Copa do Mundo em 2014 e as Olimpíadas em 2016, foi criado o visto de visitante para grandes eventos, o que permitiu a entrada de imigrantes estrangeiros que não eram comuns no cenário migratório brasileiro. Esses diversos fatores e, provavelmente, o imaginário favorável criado pela mídia, tornaram o Brasil um destino e/ou trânsito, possível ou mesmo desejável, de uma crescente migração Sul-Sul, oriunda de países periféricos, especialmente latino-americanos e africanos.

Apesar da relevância, tanto em termos de volume migratório quanto em termos de presença, visibilidade e mobilização, esses fluxos não foram identificados pelo censo de 2010, especialmente após 2011. Assim sendo, a ausência de informações relevantes sobre os migrantes no Brasil resulta na impossibilidade de realizar o Censo Demográfico em 2020, que permitiria conhecer o número de habitantes que não nasceram no Brasil e vivem aqui. Isso impede a obtenção de informações relevantes para retratar de maneira mais

¹²⁶ BAENINGER et al, SANCHEZ, 2016.

abrangente o ambiente e a vida dos imigrantes — sejam eles registrados, solicitantes de refúgio ou indocumentados — no segundo período deste século.

No entanto, a obtenção, a disseminação e a organização de outras fontes de informação e publicações institucionais possibilitam investigações mais aprofundadas sobre essa população que chega para conviver, trabalhar e compartilhar a realidade brasileira. Os pesquisadores têm usado essas bases de dados para monitorar, informar e tornar público a questão da migração no país, que durante esse período foi destino de diversas nacionalidades, muitas delas pouco conhecidas para os brasileiros.

Com base nessas fontes, Cavalcanti e Oliveira indicam:

... especialmente durante o primeiro quinquênio da presente década, imigrantes de diferentes origens do Sul Global (por exemplo: sul-americanos, haitianos, senegaleses, congoleses, guineenses, bengalis, ganeses, paquistaneses, entre outros), se inseriram crescentemente no país e no mercado de trabalho brasileiro... Assim, imigrantes de diferentes partes do hemisfério sul no primeiro quinquênio da década e, especialmente, latino-americanos nos últimos anos caracterizaram o curto, porém intenso período de chegada de novos fluxos migratórios ao país. De 2011 a 2019, foram registrados no Brasil 1.085.673 imigrantes, considerando todos os amparos legais. Deste total, destacam-se mais de 660 mil imigrantes de longo termo (cujo tempo de residência é superior a um ano), população composta principalmente por pessoas oriundas da América Latina, com destaque para haitianos e venezuelanos.¹²⁷

Em 2019, a Organização Internacional para as Migrações das Nações Unidas estimou que o número de migrantes internacionais no mundo alcançava

¹²⁷ CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; MACEDO, M. *Imigração e Refúgio no Brasil*. Relatório Anual 2020. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2020, p.9.

cerca de 272 milhões, sendo as mulheres ligeiramente mais da metade desse total, com 47,9% (OIM, 2020). O aumento da participação feminina nos fluxos migratórios globais levanta a necessidade de uma análise aprofundada sobre as condições em que essas mulheres realizam o processo migratório. Isso implica compreender as intersecções entre classe social, etnia/raça e gênero que influenciam desde a decisão de migrar até a integração na nova comunidade receptora. Segundo Bertoldo, “cada vez mais se constata a presença de mulheres que se inserem em fluxos migratórios para poder trabalhar, dar sustento à família e aos filhos, garantir acesso à educação, fugir de relações violentas, em função de arranjos familiares ou pelas redes de migração”.¹²⁸

Segundo Cavalcanti no Relatório Anual 2019 do Observatório das Migrações Internacionais analisam o movimento migratório no Brasil, nos últimos anos, salientando que, apesar de a maioria ser composta por imigrantes do sexo masculino, há um aumento do número de mulheres migrantes nos últimos cinco anos.¹²⁹ Isso implica em estabelecer uma conexão entre a tendência brasileira e a global em relação à feminização das migrações.

A feminização da migração está intimamente ligada a um fenômeno estrutural global: a feminização da pobreza.¹³⁰ Conforme o Observatório de Igualdade de Gênero da América Latina e do Caribe da CEPAL, em 2019, havia 112,7 mulheres vivendo em lares pobres para cada 100 homens na mesma

¹²⁸ BERTOLDO, J. *Migração com rosto feminino: múltiplas vulnerabilidades, trabalho doméstico e desafios de políticas e direitos*. *Revista Katálysis* [online]. 2018, v. 21, n. 02, p. 313-323. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-02592018v21n2p313>>. Acesso em: 30 jun. 2021, p.314.

¹²⁹ CAVALCANTI, 2020.

¹³⁰ GONÇALVES, R. *Dinâmica sexista do capital: feminização do trabalho precário*. *Lutas Sociais*, n. 9/10, NEILS-PUC/SP, p. 125-132, 2003.

condição na região.¹³¹ Esses dados destacam a vulnerabilidade econômica das mulheres, que frequentemente enfrentam maior dificuldade de alcançar autonomia financeira. Essa situação é agravada em famílias com maior número de crianças, onde a ausência de outras fontes de renda contribui para o aprofundamento da pobreza feminina. As migrantes enfrentam dificuldades socioeconômicas em seus países de origem, além da necessidade de fugir de conflitos armados, entre outras razões, o que as torna mais vulneráveis diante das possibilidades de encontrar caminhos formais para fazê-lo.

Dessa forma, ficam expostas aos mais variados tipos de violência e até mesmo a serem vítimas de organizações criminosas que traficam pessoas. De acordo com Sousa e Macedo, é importante ter em mente que as experiências migratórias afetam as mulheres, física e psicologicamente, deixando marcas tanto em seus corpos físicos como em suas histórias de vida, em suas subjetividades e até mesmo, construindo uma nova identidade como migrante e/ou refugiada.¹³²

Com esse cenário, surgem, entre outras formas e circuitos migratórios, as cadeias globais de cuidado, sendo elos que articulam transferências de cuidado conforme o gênero, a classe social e as diferenças étnico-raciais, determinando responsabilidades a partir dessa divisão do trabalho.¹³³ Mulheres que eram

¹³¹ OBSERVATORIO DE IGUALDAD DE GÉNERO DE AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE-CEPAL. Disponível em: <<https://oig.cepal.org/es/indicadores/indice-feminidad-hogares-pobres>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

¹³² SOUSA, T. R.; MACEDO, A. C. *Fluxos migratórios, tráfico de mulheres e feminização da pobreza*. Argumentum, v. 8, n. 3, p. 67–77, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.18315/argumentum.v8i3.13673>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

¹³³ HOCHSCHILD, A. R. *Global care chains and emotional surplus value*. In: GIDDENS, A.; HUTTON, W. (Eds.). *On The Edge: Living with Global Capitalism*. Nova York: Random House, 2000. BOTERO RODRIGUEZ, M.; DEMARCHI

responsáveis pelo trabalho doméstico em suas próprias casas, ao migrar, veem outras mulheres assumirem essas tarefas. Segundo Sassen, além de serem responsáveis pela manutenção de suas famílias, as migrantes também contribuem para a economia do país de origem por meio das remessas.¹³⁴

De acordo com Pérez Orozco e García Domínguez (2014), essas cadeias globais de cuidado conectam as diferenças entre o país de origem e o de destino, assim como a desigualdade entre mulheres e homens permanece e transcende do mercado doméstico ao de trabalho; dessa forma, a migração passa a ser um eixo de grande diferenciação.¹³⁵ Como o trabalho é organizado conforme o setor de classe, o gênero e a condição étnico-racial condicionam as possibilidades de desenvolvimento das estratégias de reprodução diária das migrantes nos países de origem.

O mercado de trabalho reforça a divisão sexual patriarcal, ou seja, costuma haver maior inserção laboral dos homens em tarefas que envolvem maior esforço físico e das mulheres, predominantemente, nas tarefas de serviço e cuidado. Nesse contexto, as mulheres migrantes enfrentam uma dupla vulnerabilidade, conforme destacado por Bertoldo:

a mulher migrante, além da situação de vulnerabilidade sofrida na condição de mulher, encontra também uma barreira na vulnerabilidade do sujeito imigrante, confinado a uma

VILLALÓN, C.; MEDEIROS DE CASTRO, C. A feminização das migrações. Uma análise sobre as categorias de análise. *VII Simpósio de Pesquisa sobre Migrações*. DIASPOTICS. UFRJ, Rio de Janeiro, 2019.

¹³⁴ SASSEN, S. *Contra geografías de la globalización: Género y ciudadanía en los circuitos transnacionales*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2003.

¹³⁵ PÉREZ OROZCO, A.; GARCÍA DOMÍNGUEZ, M. *¿Por qué nos preocupamos por los cuidados?* Centro de Capacitación-ONU Mujeres, 2014.

condição de não nacional pelo modelo político-jurídico do Estado Nacional e, por isso, um não sujeito.¹³⁶

Ao considerar as condições das migrantes para ingressar no mercado de trabalho, parece que as condições de exploração se aprofundam, dependendo da inserção diferenciada de acordo com o gênero e ramo de atividade. Na situação das mulheres migrantes, é importante destacar que, devido à clara feminização do setor de cuidados e trabalho doméstico, há uma tendência de exploração, especialmente entre aquelas que vêm de países latino-americanos, resultando no que Bruno denomina de "mais-valia étnica".¹³⁷ A partir dessa exploração e na ausência de políticas públicas, que provocam a familiarização das responsabilidades do cuidado, alguns setores têm conseguido acessar esses serviços por meio de uma lógica mercantil.

Dessa forma, referindo-se aos mecanismos de suportabilidade social, Scribano sugere que, enquanto aqueles que permitem a aceitação de condições de vulnerabilidade operam na naturalização da exploração do trabalho e outras violências sofridas pelas migrantes; esses mecanismos provocam a naturalização das limitações e obstáculos que os circuitos sócio-organizacionais e jurídico-legais impõem.¹³⁸ Poderia, por exemplo, identificar a aceitação de (des)tempos institucionais de diferentes órgãos governamentais que, frequentemente, não respondem em tempo adequado às necessidades das mulheres migrantes. É

¹³⁶BERTOLDO, 2018, p.316.

¹³⁷ BRUNO, S. F. *Inserción laboral de los migrantes paraguayos en Buenos Aires*. Revisión de categorías: desde el nicho laboral a la plusvalía étnica. Población y Desarrollo, 2008.

¹³⁸ SCRIBANO, A. *¿Por qué una mirada sociológica de los cuerpos y las emociones? A modo de epílogo*. In: FIGARI, C.; SCRIBANO, A. (Org.). *Cuerpo(s), subjetividad(es) y conflicto(s): Hacia una sociología de los cuerpos y las emociones desde Latinoamérica*. 1ª ed. Buenos Aires: CLACSO, 2009.

possível considerar as viagens que as instituições e os dispositivos são obrigados a realizar devido à burocratização dos processos administrativos.

A naturalização de situações de inacessibilidade aos serviços públicos é mediada pela lógica neoliberal que promove um discurso sobre a escassez de recursos e permite - e promove - a competição por esses; a meritocracia se instala como regra do jogo e, conseqüentemente, a exigibilidade dos direitos humanos começa a perecer. Além disso, a construção social e política das/os migrantes como uma ameaça no campo do trabalho e das políticas sociais (saúde, educação, seguridade social), justifica repetidas cenas de violência que acabam gerando “uma normalização de paisagens de crueldade”.¹³⁹ Cabe esclarecer que esses discursos xenófobos se assentam em **a**porofobia¹⁴⁰, emergindo narrativas e práticas estigmatizantes a partir da articulação entre origem étnico-racial e classe social das mulheres. As limitações que elas enfrentam as colocam em um patamar distinto dos padrões nacionais, sendo que sua presença nunca é completa no espaço do Estado, tanto em termos políticos, legais e simbólicos¹⁴¹

Como mencionado anteriormente, esses fluxos migratórios afetam as narrativas das mulheres, deixando marcas biográficas relevantes. A fragilidade desse processo resulta na criação de uma identidade migrante que reproduz esses discursos xenófobos. De maneira geral, esses discursos têm a função de regular as sensações, de acordo com Scribano, eles buscam colocar em conflito sentidos,

¹³⁹ SEGATO, Rita Laura. *Gênero e colonialidade*: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. e-cadernos CES, 18, 2018, p.11.

¹⁴⁰ Palavra cunhada por Adela Cortina (1947). A professora de Ética e Filosofia Política na Universidade de Valencia (Espanha) “criou termo aporofobia em 2017”, segundo Adela, o termo é a junção da palavras grega *á-poros* que significa “sem recursos” com a palavra *fobia* que significa medo, portanto aporofobia significa “medo, rejeição ou aversão aos pobres”.

¹⁴¹ BERTOLDO, 2018, p. 316.

percepções e sentimentos que organizam as maneiras como as mulheres migrantes se sentem valorizadas no mundo.¹⁴²

Essas maneiras de se valorizar criam maneiras apropriadas de se sentir aceito socialmente e influenciam o desenvolvimento de suas táticas de reprodução social. Dessa forma, por exemplo, são observadas situações nas quais o sentimento de gratidão das migrantes, pelo seu acolhimento, as faz sentir-se em dívida com esse país, incentivando a aceitação das condições de vulneração de direitos.

Embora diferentes estudos evidenciem que, historicamente, as mulheres têm migrado, principalmente, motivadas pela reunificação familiar, nos últimos anos, as pesquisas sobre a feminização da migração mostram que agora tendem a migrar sozinhas ou com outras mulheres, buscando melhores condições de trabalho e de vida para si e suas famílias. Esse novo cenário destaca a importância de reconhecer a centralidade das mulheres migrantes e sua capacidade de agência, conforme aponta Botero Rodriguez:

é imprescindível reconhecer a centralidade da presença e agência das migrantes tanto a nível subjetivo e pessoal, quanto nos coletivos e nas instituições migrantes. Isso significa contestar, de certa forma, o estereótipo da mulher imigrante como dependente de um sujeito masculino (marido, pai, empregador, etc.), passiva, sem capacidade de organização coletiva, sem agência política.¹⁴³

Nesse contexto, destaca-se a atuação ativa das mulheres migrantes na formação de coletivos nacionais nos países de acolhida. As redes sociais criadas por essas mulheres desempenham um papel categórico no acolhimento de recém-chegadas, especialmente diante das limitações impostas pela inacessibilidade aos circuitos institucionais formais. Esses espaços de convivência não apenas

¹⁴² SCRIBANO, 2009.

¹⁴³ BOTERO RODRIGUEZ, 2019, p.63.

promovem apoio mútuo, mas também fortalecem uma identidade coletiva, preservam costumes e mantêm vivas as memórias das terras de origem. Além disso, essas redes contribuem para facilitar o acesso aos circuitos sócio-organizacionais, auxiliando na obtenção de serviços essenciais, como saúde, regularização documental, alimentação e habitação. Juntamente com organizações não governamentais (ONGs) e instituições religiosas, como a Pastoral Migratória, esses coletivos tornam-se pilares fundamentais nas experiências migratórias dessas mulheres.

3. A TRAJETÓRIA DAS MIGRANTES EM SÃO PAULO

No início do século XXI, a participação feminina na contagem da imigração latino-americana e do Mercosul foi de 42%, indicando uma grande quantidade de imigrantes provenientes desses países, com casos extremos como o Haiti, onde as mulheres não alcançam 25%, e Cuba e Bolívia, com 53% e 45%, respectivamente. Durante os primeiros vinte anos do século XXI, houve uma mudança na composição das 562.019 pessoas que chegaram ao Brasil: durante o primeiro quinquênio, a maioria das imigrantes veio da América Latina e Caribe (30%) e da Europa (30%), especialmente França, Portugal, Alemanha e Espanha. No entanto, a partir de 2006, e mais especificamente a partir de 2011, as imigrantes da América Latina e Caribe passaram a ser a maioria das mulheres imigrantes no Brasil, chegando a quase 90% do total de imigrantes registrados no último ano, especialmente devido ao aumento da migração haitiana.

Mulheres imigrantes internacionais por seus principais países de origem.
Brasil 2000-2020.

| | | |
|----------------|---------|-------|
| Venezuela | 82.606 | 14,7 |
| Bolívia | 62.194 | 11,1 |
| Haiti | 53.149 | 9,5 |
| Argentina | 30.673 | 5,5 |
| Colombia | 27.042 | 4,8 |
| Estados Unidos | 25.547 | 4,5 |
| China | 24.426 | 4,3 |
| Paraguai | 21.222 | 3,8 |
| Uruguai | 20.598 | 3,7 |
| Total 1 | 347.457 | 61,8 |
| Outras | 214.562 | 38,2 |
| Total | 562.019 | 100,0 |

Fonte: Banco Interativo Observatório das Migrações em São Paulo, 2021.

Além da utilização imediata da expressão "feminização das migrações", é crucial destacar a mudança no perfil das mulheres que migram e a maior visibilidade do universo feminino no contexto migratório. Essa nova perspectiva analisa a relevância de analisar as táticas e os recursos mobilizados pelas mulheres em diferentes etapas do processo migratório, bem como as renegociações de papéis sociais que surgem nesse contexto. Como explica Peres, “o processo migratório envolve o uso de recursos disponíveis em diferentes etapas e as renegociações dos papéis de homens e mulheres ao longo desse processo, que tem desdobramentos nos lugares de destino, através da inserção laboral, das redefinições de expectativas temporais e do planejamento do ciclo de vida individual e familiar dos migrantes.”¹⁴⁴

¹⁴⁴ PÉREZ OROZCO, A.; GARCÍA DOMÍNGUEZ, M. *¿Por qué nos preocupamos por los cuidados?* Centro de Capacitación-ONU Mujeres, 2014, p.15.

A abordagem do gênero é uma contribuição teórica relevante para as migrações, uma vez que mostra questões complexas negligenciadas por uma análise focada apenas nos aspectos financeiros e laborais das migrações. Assim, abordar a feminização sob a perspectiva de gênero é aprofundar o entendimento sobre os fluxos migratórios, suas dinâmicas, os locais em que esses deslocamentos ocorrem, suas trajetórias, origens e destinos, e como essa complexidade afeta a vida de homens e mulheres. Isso implica na implementação de políticas governamentais específicas para a inclusão adequada desses migrantes na sociedade.

No entanto, mesmo sob essa perspectiva, as discrepâncias nos fluxos são evidentes e as particularidades devem ser examinadas com cuidado. Devido à abundância de imigrantes em países desenvolvidos, a cadeia de cuidados global se tornou uma das principais razões para a imigração feminina.¹⁴⁵ Contudo, tendo em vista que a demanda no Brasil é tradicionalmente atendida por trabalhadores brasileiros, esse “paradigma explicativo” não deve ser empregado para examinar os novos fluxos de mulheres imigrantes para o Brasil a partir de 2010, sem uma análise mais aprofundada da realidade local.¹⁴⁶ Em uma publicação recente, Tonhati e Macedo reforçaram a crescente e mais evidente presença das mulheres nos registros migratórios do país, destacando a participação das nacionalidades venezuelana, haitiana e cubana no último quinquênio desta década.¹⁴⁷

Dentre as diversas informações da base de dados do SisMigra usadas pelas autoras, estão os amparos legais das razões para regularização dos registros. As informações indicam que a reagrupamento familiar não foi amplamente empregado: menos de 1/4 das mulheres registradas entre 2010 e 2019, além disso,

¹⁴⁵ HOCHSCHILD, 2000.

¹⁴⁶ CAVALCANTI, TONHATI e MACEDO, 2020, p.111.

¹⁴⁷ CAVALCANTI, 2020.

nos últimos dois anos, justamente aqueles com maior número de registros de imigrantes, apenas 15% delas usaram os recursos que compõem esse apoio. Outras características sociodemográficas complementam os perfis: 69% das imigrantes, na época, eram solteiras e 67% delas se inseriam nas idades entre 15 e 40 anos (15 a 25 anos (24%) e 26 a 40 anos (43%).¹⁴⁸ As informações mencionadas são coerentes com o aumento da participação das mulheres imigrantes no mercado formal de trabalho (vínculos ativos), que, nas duas primeiras décadas do século XXI, mais que quadruplicou: de 13.178 em 2002, passou a 17.904, alcançou 34.983 em 2015 e, no final de 2019, último ano publicado, atingiu o maior valor do período, 47.930, conforme evidenciado na tabela a seguir.

Vínculos ativos em 31/12/2019 de mulheres migrantes internacionais no mercado de trabalho formal do Brasil por nacionalidade e grupos ocupacionais.

| Grupos Ocupacionais | AL e Caribe | África | Am. Norte | Asia | Europa | Outros | Total |
|--|-------------|--------|-----------|-------|--------|--------|--------|
| trab. de serviço, vendedores no comércio | 13.481 | 579 | 76 | 653 | 491 | 327 | 15.607 |
| profissionais das Ciências e das Artes | 4.216 | 170 | 476 | 630 | 1.707 | 471 | 7.670 |
| trabalhadores de serviços administrativos | 4.410 | 260 | 115 | 781 | 1.038 | 173 | 6.777 |
| trab. da produção de bens e serviços industriais | 5.470 | 81 | 6 | 74 | 59 | 35 | 5.725 |
| Outros | 8.597 | 239 | 220 | 941 | 1.660 | 494 | 12.151 |
| Total | 36.174 | 1.329 | 893 | 3.079 | 4.955 | 1.500 | 47.930 |

Fonte: Banco Interativo Observatório das Migrações em São Paulo, 2021.

Apesar disso, e tendo, na sua maioria, um nível de escolaridade equivalente ao Ensino Médio completo, elas ocupam menos de 30% dos postos de trabalho formais quando comparadas à sua contrapartida masculina. São

¹⁴⁸ CAVALCANTI, 2020, TONHATI e MACEDO, op.cit.

predominantemente nas regiões Sudeste (em particular no Estado de São Paulo) e Sul do país.¹⁴⁹

Com base nessa situação, São Paulo permanece como um centro de atração para os imigrantes estrangeiros. Nessa, esses novos fluxos se misturam com os anteriores que continuam chegando. São outras pessoas e diferentes culturas que colaboram para a constante redesenho dos espaços urbanos, com destaque para os distritos centrais, locais tradicionais ocupados pelos imigrantes durante a história de São Paulo, onde a desconcentração industrial e a expansão do setor de serviços de baixa qualificação foram fortemente impactadas pelo processo de reconversão econômica. Os bairros de Bom Retiro, Brás, Pari, Liberdade, República e Sé abrigam atividades econômicas e segmentos étnicos, tais como comércio ambulante, indústria da costura, restaurantes que servem pratos de diversas etnias e salões de beleza.¹⁵⁰

A tabela apresenta algumas informações sobre os imigrantes estrangeiros que chegam à cidade. Os dados confirmam a presença e a predominância de imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo nos três períodos selecionados. A migração para a cidade é significativa desde os anos 1980 como mão de obra não qualificada no setor de confecção. Isso também mostra as mudanças ocorridas nesse período na composição de diferentes nacionalidades que compõem o cenário das migrações no município. Haitianos e sírios, cujos registros não ultrapassavam um dígito, em 2010, já se distinguem no meio da década, colocando sua marca na cidade. Os venezuelanos, que eram pouco observados na migração para a cidade, passaram a ser a segunda nacionalidade com maior participação no último ano avaliado.

¹⁴⁹ CAVALCANTI, TONHATI e MACEDO, 2020.

¹⁵⁰ MAGALHÃES, BÓGUS e BAENINGER, 2018.

Imigrantes registrados residentes no Município de São Paulo por países
de origem e anos selecionados.

| | 2010 | | | 2015 | | | 2019 | | |
|-------------------|--------|----------|-------|--------|----------|-------|--------|----------|-------|
| | homens | mulheres | total | homens | mulheres | total | homens | mulheres | total |
| Bolívia | 1573 | 1250 | 2823 | 2873 | 2548 | 5421 | 3176 | 3012 | 6188 |
| % | 55,7 | 44,3 | 100 | 53,0 | 47,0 | 100 | 51,3 | 48,7 | 100 |
| Venezuela | 66 | 57 | 123 | 74 | 78 | 152 | 960 | 903 | 1863 |
| % | 53,7 | 46,3 | 100 | 48,7 | 51,3 | 100 | 51,5 | 48,5 | 100 |
| Haiti | 4 | 1 | 5 | 1656 | 935 | 2591 | 991 | 817 | 1808 |
| % | 80,0 | 20,0 | 100 | 63,9 | 36,1 | 100 | 54,8 | 45,2 | 100 |
| China | 426 | 322 | 748 | 1236 | 1254 | 2490 | 816 | 652 | 1468 |
| % | 57,0 | 43,0 | 100 | 49,6 | 50,4 | 100 | 55,6 | 44,4 | 100 |
| Peru | 186 | 153 | 339 | 605 | 862 | 1467 | 619 | 777 | 1396 |
| % | 54,9 | 45,1 | 100 | 41,2 | 58,8 | 100 | 44,3 | 55,7 | 100 |
| Colômbia | 217 | 196 | 413 | 672 | 450 | 1122 | 699 | 467 | 1166 |
| % | 52,5 | 47,5 | 100 | 59,9 | 40,1 | 100 | 59,9 | 40,1 | 100 |
| Síria | 4 | 2 | 6 | 280 | 159 | 439 | 196 | 131 | 327 |
| % | 66,7 | 33,3 | 100 | 63,8 | 36,22 | 100 | 59,9 | 40,1 | 100 |
| Total 1 | 2476 | 1981 | 4457 | 7396 | 6286 | 13682 | 7457 | 6759 | 14216 |
| % | 55,5 | 44,5 | 100 | 54,1 | 45,9 | 100 | 52,5 | 47,5 | 100 |
| Total MSP | 7839 | 4781 | 12620 | 16300 | 10887 | 27187 | 13607 | 10424 | 24031 |
| % | 62,12 | 37,88 | 100 | 59,96 | 40,04 | 100 | 56,62 | 43,38 | 100 |
| total 1/total MSP | 31,6 | 41,4 | 35,3 | 45,4 | 57,7 | 50,3 | 54,8 | 64,8 | 59,2 |

Fonte: Banco Interativo Observatório das Migrações em São Paulo, 2021.

Elaboração própria.

As últimas linhas da tabela permitem comparar para os três momentos a participação de homens e mulheres das nacionalidades selecionadas (total 1%) com a que considera todas as origens (total MSP). A participação feminina tem crescido continuamente em todos os períodos, embora em níveis distintos. A

comparação total1/total MSP indica o peso dessas nacionalidades imigrantes no município. Dessa forma, em 2010, a soma dessas nacionalidades representava 35% dos imigrantes na cidade. Cinco anos depois, as mulheres desse grupo selecionado já eram mais da metade (57,7%) das imigrantes do município e, ao final do período, os homens e as mulheres desse conjunto de nacionalidades já são maioria perante todas as que vêm para São Paulo (54,8% e 64,8%, respectivamente).

Os dados evidenciam a significativa presença feminina nas migrações internacionais para a cidade de São Paulo. Há, inclusive, nacionalidades que registram certa superioridade numérica, a depender do ano escolhido. Chamam atenção os nacionais da Síria e do Haiti, com participações mais desiguais de homens e mulheres. A RN102/2013, ao ampliar as hipóteses de obtenção de vistos de ajuda humanitária para os países da rota migratória haitiana para o Brasil, incentivou a substituição de rotas terrestres — em condições mais precárias e perigosas — por rotas aéreas, o que resultou na migração de mulheres e famílias. O grande número de haitianas, em 2015, já era um reflexo dessa mudança.

CONCLUSÃO

As análises desenvolvidas ao longo deste artigo demonstram como os fluxos migratórios que chegam ao Brasil, particularmente a partir da segunda década deste século, reafirmam a posição do país como um destino ou rota alternativa para populações oriundas do Sul global.¹⁵¹ O cenário global de

¹⁵¹ BAENINGER, 2018.

crise econômica e política contribuiu para a imposição de barreiras pelos países centrais, desviando as rotas migratórias para regiões onde o crescimento econômico e as políticas sociais, como no Brasil, criaram oportunidades. Contudo, essas oportunidades vieram acompanhadas de desafios, especialmente no que diz respeito à exploração da força de trabalho e à feminização da migração.

O enfoque na presença das mulheres migrantes revela uma transformação significativa nos perfis migratórios, com um protagonismo crescente de latino-americanas, em especial venezuelanas, haitianas e bolivianas. Como destacado, o papel das mulheres nos fluxos migratórios transcende a adaptação individual e reflete sua atuação em múltiplos contextos, incluindo o mercado de trabalho, a organização comunitária e a ocupação de espaços urbanos historicamente destinados a populações vulneráveis. São Paulo, enquanto polo de recepção migratória, ilustra essa dinâmica, destacando-se pelos bairros como Pari, Brás e Bom Retiro, que continuam a ser moldados pela diversidade cultural dos imigrantes.

Adicionalmente, a abordagem teológica e sincrética evidência como a religiosidade — em especial o pentecostalismo — atua como um suporte essencial para os migrantes em sua integração social e espiritual. Nesse contexto, as mulheres migrantes não apenas buscam refúgio em práticas religiosas adaptadas, mas também encontram um espaço para ressignificar suas experiências de deslocamento, criando redes de apoio que facilitam sua inserção e fortalecimento no novo ambiente.

As mudanças urbanas, como a gentrificação e elitização dos espaços centrais, aumentaram os desafios para essas populações, exigindo mobilidade intraurbana em busca de condições mínimas de habitação e sobrevivência.

Paralelamente, a crescente visibilidade das mulheres migrantes em fóruns, associações e grupos femininos reflete seu protagonismo na defesa de direitos civis e sua luta por inserção digna no mercado de trabalho.

Ao reforçar a importância da implementação de políticas públicas que reconheçam as especificidades das mulheres migrantes, conclui-se que, tanto no campo religioso quanto no espaço público, elas ocupam uma posição central na construção de novas configurações sociais e culturais no Brasil. Este artigo busca, assim, contribuir para um olhar ampliado e sensível às demandas dessas mulheres, promovendo sua valorização enquanto agentes fundamentais na dinâmica migratória contemporânea.

REFERÊNCIAS

BANCO INTERATIVO DAS MIGRAÇÕES EM SÃO PAULO, 2021. Disponível em: <<https://www.nepo.unicamp.br/observatorio/bancointerativo/>>. Acesso em: 10 jul. 2021.

BERTOLDO, J. Migração com rosto feminino: múltiplas vulnerabilidades, trabalho doméstico e desafios de políticas e direitos. *Revista Katálysis* [online]. 2018, v. 21, n. 02, p. 313-323. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-02592018v21n2p313>>. Acesso em: 30 jun. 2021.

BOTERO RODRIGUEZ, M.; DEMARCHI VILLALÓN, C.; MEDEIROS DE CASTRO, C. A feminização das migrações. Uma análise sobre as categorias de análise. *VII Simpósio de Pesquisa sobre Migrações*. DIASPOTICS. UFRJ, Rio de Janeiro, 2019.

BRUNO, S. F. *Inserción laboral de los migrantes paraguayos en Buenos Aires*. Revisión de categorías: desde el nicho laboral a la plusvalía étnica. Población y Desarrollo, 2008.

CAMPOS, Bernardo. *Da Reforma Protestante à Pentecostalidade da Igreja*. Tradução de Walter Altmann. São Leopoldo: Sinodal, CLAI, 2002.

CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; MACEDO, M. *Imigração e Refúgio no Brasil*. Relatório Anual 2020. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2020.

GONÇALVES, R. *Dinâmica sexista do capital: feminização do trabalho precário*. Lutas Sociais, n. 9/10, NEILS-PUC/SP, p. 125-132, 2003.

HOCHSCHILD, A. R. *Global care chains and emotional surplus value*. In: GIDDENS, A.; HUTTON, W. (Eds.). *On The Edge: Living with Global Capitalism*. Nova York: Random House, 2000.

LEVITT, Peggy. “You know, Abraham was really the first immigrant”: Religion and transnational migration. *International Migration Review*, v. 37, n. 3, p. 847-873, 2003.

MAGALHÃES, L. F. A.; BÓGUS, L. M. M. *Reconversão econômica e migrações Sul-Sul na cidade de São Paulo: fluxos e territorialidades migrantes*. In: BAPTISTA, Dulce Maria Tourinho; MAGALHÃES, Luís Felipe Aires (orgs.). *Migrações em expansão no mundo em crise*. São Paulo: EDUC: PIPEq, 2020.

MALDONADO-TORRES, Nelson. *On the coloniality of being*. *Cultural Studies*, v. 21, n. 2-3, p. 240-270, 2007.

MARTES, Ana Cristina Braga. *New Immigrants, New Land: A Religious Perspective on Brazilian Immigration to the United States*. Gainesville: University Press of Florida, 2011.

MILESI, R.; MARINUCCI, R. Mulheres migrantes e refugiadas a serviço do desenvolvimento humano dos outros. *Cadernos de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania*, v. 10, n. 10, p. 55-69, 2015. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Caderno-de-Debates-10_Ref%C3%BAgio%20Migra%C3%A7%C3%B5es-e-Cidadania>. Acesso em: 20 jun. 2021.

OBSERVATORIO DE IGUALDAD DE GÉNERO DE AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE-CEPAL. Disponível em: <<https://oig.cepal.org/es/indicadores/indice-feminidad-hogares-pobres>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL PARA LAS MIGRACIONES. *Informe sobre las migraciones en el mundo*. Ginebra, 2020.

PÉREZ OROZCO, A.; GARCÍA DOMÍNGUEZ, M. *¿Por qué nos preocupamos por los cuidados?* Centro de Capacitación-ONU Mujeres, 2014.

SANCHEZ, Wagner, L. Sincretismo e migração: notas a partir do pensamento de Afonso Maria Ligório Soares. *REVER*, v. 16, n. 1, p. 70-79, jan./abr. 2016.

SASSEN, S. *Contrageografías de la globalización: Género y ciudadanía en los circuitos transfronterizos*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2003.

SEGATO, Rita Laura. *Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial*. e-cadernos CES, 18, 2018.

SCRIBANO, A. *¿Por qué una mirada sociológica de los cuerpos y las emociones? A modo de epílogo*. In: FIGARI, C.; SCRIBANO, A. (Org.). *Cuerpo(s), subjetividad(es) y conflicto(s): Hacia una sociología de los cuerpos y las emociones desde Latinoamérica*. 1ª ed. Buenos Aires: CLACSO, 2009.

SOUSA, T. R.; MACEDO, A. C. Fluxos migratórios, tráfico de mulheres e feminização da pobreza. *Argumentum*, v. 8, n. 3, p. 67-77, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.18315/argumentum.v8i3.13673>>. Acesso em: 20 jun. 2021.